

Julho 2022

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

História, Património e Cidadania. Porto de Memória - Trabalho por Projeto no 2º Ciclo do Ensino Básico

RELATÓRIO DE ESTÁGIO APRESENTADO À
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI
PARA A OBTENÇÃO DE
GRAU DE MESTRE EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE
PORTUGAL NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

DE

Ana Catarina Sousa Santos

ORIENTAÇÃO

Doutora Isilda Maria dos Santos Braga da Costa Monteiro



PAULA
FRASSINETTI



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio

História, Património e Cidadania.

Porto de Memória – Trabalho por Projeto no 2º Ciclo do
Ensino Básico

Professora Orientadora: Doutora Isilda Monteiro

Mestranda: Ana Catarina Sousa Santos | 2017097

Porto, 2022

Agradecimentos

A concretização deste sonho não seria possível sem o apoio daqueles que sempre acreditaram em mim e, em momento algum, me deixaram desistir.

Agradeço, com todo o amor, à minha mãe por me apoiar, acreditar e proporcionar a oportunidade de realizar este sonho. À minha irmã, parte de mim, que nunca duvidou do meu trajeto. São o meu pilar, obrigada por me deixarem voar.

Aos meus avós, que sempre me apoiaram e acarinharam, em parte deste sonho. Espero deixá-los orgulhosos de mim.

À minha família mais próxima, que sempre acompanhou o meu percurso, valorizando o meu empenho profissional e pessoal.

À minha família do coração, pelo apoio e crença em mim.

A todas as pessoas que, durante estes cinco anos, cruzaram as suas vidas com a minha e contribuíram para o meu crescimento e felicidade.

Aos amigos que a faculdade me trouxe, agradeço por todos os momentos de partilha e de alegria e por nunca me deixarem desistir, tendo sempre uma palavra ou gesto de apoio e carinho.

A todos os professores que durante esta jornada académica estiveram sempre presentes, apoiando e guiando o meu trabalho. Agradeço por todo o carinho e ajuda prestadas,

Por fim, agradeço à minha orientadora com quem pude partilhar estes dois últimos anos de formação, ricos de conhecimento, aprendizagens, confiança e empatia. O meu obrigada.

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos.
Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não
mereçamos existir.

José Saramago

Resumo

A Educação Histórica e Patrimonial promove conhecimentos e competências, permitindo a tomada de consciência da identidade cultural e da responsabilidade com o meio social para uma cidadania ativa e comprometida. O conhecimento e a valorização do Património Cultural pelos alunos mais novos, permite a sua sensibilização para conhecer e valorizar as suas raízes, o meio ao qual estão culturalmente ligados e que faz parte da sua identidade coletiva.

O presente relatório intitulado História, Património e Cidadania. *Porto de Memória* – Trabalho por Projeto no 2º Ciclo do Ensino Básico, apresenta os resultados da intervenção realizada com alunos do 5º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico.

O projeto contruído e implementado teve como foco a promoção da valorização do Património e da História Local nos alunos do 2ª Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da Educação Histórica e Patrimonial.

Trata-se de um estudo de caso, que associa a investigação à ação, com recurso à análise qualitativa e quantitativa dos dados recolhidos.

O trabalho desenvolvido permitiu verificar a motivação dos alunos ao participarem no projeto *Porto de Memória*. Envolvidos diretamente no processo de aprendizagem, adquiriram conhecimentos, trabalharam cooperativamente na recolha da informação e na construção de um álbum digital, desenvolveram a sua capacidade de observação e de valorização do Património Local.

Palavras-chave: Educação Patrimonial, Educação Histórica, Metodologias ativas, Trabalho por Projeto

Abstract

History and Heritage Education promotes knowledge and skills, allowing awareness of cultural identity and responsibility towards the social environment for an active and committed citizenship. The knowledge and appreciation of Cultural Heritage by the youngest students allows their awareness to know and value their roots, the environment to which they are culturally linked and which is part of their collective identity.

This report entitled *History, Heritage and Citizenship. Porto de Memória – Project Work in the 2nd Cycle of Basic Education*, presents the results of the intervention carried out with students from the 5th year of the 2nd Cycle of Basic Education.

The project, built and implemented, focused on promoting the appreciation of Heritage and Local History among 2nd Cycle Primary School students, within the scope of History and Heritage Education.

This is a case study, which associates research with action, using qualitative and quantitative analysis of the data collected.

The developed work allowed us to verify the students motivation when participating in the *Porto de Memória* project. Involved directly in the learning process, they acquired knowledge, worked cooperatively in the collection of information and in the construction of a digital album, developed their ability to observe and value the Local Heritage.

Keywords: Heritage Education, History Education, Active methodologies, Project work

Índice de Figuras

Figura 1 – Conhecimento – etapas (elaboração própria).....	14
Figura 2 – Pirâmide representando a Hierarquia de Necessidades de Maslow (elaboração própria).	15
Figura 3 – Ensino tradicional vs. Ensino numa sociedade de informação	18
Figura 4 – Esquema relativo ao Trabalho por Projeto (Trindade, 2002).....	20
Figura 5 – Convite da Câmara do Porto fictício dirigido aos alunos	28
Figura 6 – Imagens do site que construímos no âmbito deste projeto.....	30
Figura 7 – Guião de Trabalho a distribuir a cada aluno.	32
Figura 8 – Páginas interiores do álbum digital <i>Porto de Memória</i> construído pelos alunos	40
Figura 9 – Capa e contracapa do álbum digital <i>Porto de Memória</i> construídas pelos alunos	40

Índice de Tabelas

Tabela 1 – O papel da escola, do professor e do aluno na sociedade digital.....	19
Tabela 2 – Plano de ação para a implementação de um projeto.....	21
Tabela 3 – Planificação do projeto <i>Porto de Memória</i>	33
Tabela 4 – Guião de Trabalho – exemplo de registos dos alunos sobre o que pensavam que o Património Cultural era e o que verificaram ser.	35
Tabela 5 – Património escolhido por cada grupo de trabalho	36
Tabela 6 – Planificação da visita de estudo	41
Tabela 7 – Avaliação dos alunos – “O que mais gostei”, “O que menos gostei”.....	47
Tabela 8 – Avaliação das aprendizagens dos alunos por grupo	47

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Avaliação dos alunos do trabalho individual no projeto <i>Porto de Memória</i>	45
Gráfico 2 – Avaliação dos alunos do trabalho de grupo no projeto <i>Porto de Memória</i> .	45
Gráfico 3 – Avaliação dos alunos do projeto <i>Porto de Memória</i>	46

Lista de Abreviaturas

PES – Prática de Ensino Supervisionado

CEB – Ciclo de Ensino Básico

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

Índice

Introdução	9
Parte I – Enquadramento teórico	10
1. A História Local e os “Lugares de Memória” na promoção da Educação Histórica e Patrimonial	10
2. As Metodologias Ativas e o ensino de História e Geografia de Portugal em 2º CEB	13
2.1. Trabalho por projeto	20
Parte II - Metodologia de Investigação	23
1. Objetivos da investigação e procedimentos metodológicos.....	23
1.1. Enquadramento do ambiente socioeducativo e caracterização do grupo	25
Parte III – A intervenção – planificação, implementação e resultados.....	26
1. O projeto <i>Porto de Memória</i>	26
1.1. A planificação.....	26
1.2 A implementação.....	35
1.3. Os resultados	43
Considerações finais	49
Referências Bibliográficas	50
Apêndice	52

Introdução

O relatório que agora se apresenta foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Este relatório tem como objetivo a apresentação dos dados da investigação resultantes da intervenção educativa então realizada.

Situada no âmbito da Educação Histórica e Patrimonial esta intervenção foi realizada com alunos do 5º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB) de uma escola localizada no Porto.

O projeto implementado teve como base a metodologia do Trabalho por Projeto, definido por Rangel e Gonçalves (2011) como uma metodologia que procura encontrar respostas para um dado problema ou desafios. O desafio apresentado aos alunos foi o de identificarem e recolherem informação sobre a História e o Património Local da área envolvente da escola para construírem um álbum digital com imagens e textos sobre os elementos por si selecionados.

O relatório apresentado encontra-se dividido em três partes.

A Parte I, relativa ao enquadramento teórico, no seu primeiro capítulo, centra-se na História Local e no Património Cultural e na relevância da sua abordagem no ensino do 2º CEB. No segundo capítulo, é aprofundada a questão das metodologias ativas de aprendizagem, partindo da Teoria de Necessidades de Maslow, passando por uma comparação entre o ensino tradicional e o ensino na sociedade de informação, dando-se especial atenção ao Trabalho por Projeto, metodologia que se considerou ser a mais adequada para o trabalho que foi desenvolvido.

A Parte II, reservada aos procedimentos metodológicos, dá a conhecer, no primeiro capítulo, as opções feitas relativamente aos métodos e aos instrumentos de recolha de informação, justificando-as, apresentando, num segundo capítulo, a caracterização da instituição educativa, onde o projeto foi implementado, e da amostra, o grupo de alunos do 5º ano do 2º CEB.

A Parte III centra-se na planificação, implementação e análise dos resultados do projeto de intervenção que foi denominado de *Porto de Memória*.

Nas considerações finais será feito um balanço final de todo o trabalho desenvolvido.

Parte I – Enquadramento teórico

1. A História Local e os “Lugares de Memória” na promoção da Educação Histórica e Patrimonial

A importância da inclusão da História nos currículos do ensino obrigatório português é amplamente reconhecida. Os conhecimentos adquiridos nesse âmbito permitem “encontrar no passado pontos de referência, de nos fornecer as origens, as genealogias e as ligações civilizacionais” (Alves, 2006, p. 68). Contudo, e como refere o mesmo autor, permitem também

ajudar os alunos na construção da sua identidade pessoal, nacional e civilizacional, seja nas vertentes de conhecer, ser, fazer e viver com os outros, seja no espaço que lhe é conferido pelo quadro dos sete saberes apresentados por Morin como fazendo parte da educação do futuro. A lucidez e a globalidade do conhecimento, a primazia do ensino da condição humana, a compreensão da identidade terrena, a preparação para a incerteza e o inesperado, a educação para a compreensão e para a paz e o ensino da ética do género humano (Alves, 2006, p. 68).

Por tudo isto, a História “pode, deve e tem de dar o seu contributo insubstituível” (Alves, 2006, p. 68).

Restringindo o nosso foco, o estudo da História Local tem um papel fulcral na construção de uma memória e identidade local, através da recolha de costumes, tradições, festas, testemunhos orais e da identificação dos “lugares de memória”, conceito desenvolvido no século passado por Pierre Nora (1993). Lugares de Memória são “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia” (Nora, 1993, p. 7), lugares que cruzam o passado deixado para trás, mas que, ao mesmo tempo, o mantém vivo ao olhar de todos, no presente, fazendo com que o sentimento de continuidade persista nos locais. Neste sentido, para Saballa (2007, p. 24) os lugares de memória representam “construções e suportes da memória na medida em que os homens, com eles, estabelecem relações culturais”. História e Património Cultural estão assim inevitavelmente interligados.

Na verdade, o meio histórico, nas palavras de Jacinto Montenegro Valnezuela (citado por Manique & Proença, 1994) é visto como um “espaço fundamentalmente vivido e transformado pelo Homem. É um micromundo modelado pelos vestígios dos patrimónios

culturais, artísticos e sociais que testemunham uma atividade permanente em função das diversas mentalidades, crenças ou acontecimentos políticos realizados pela humanidade”.

Desta forma e segundo Barca e Pinto (citado por Almeida & Solé, 2014, p. 237), “O Património tem uma história, é a expressão de uma comunidade, da sua cultura nas suas especificidades e convergências ao longo do tempo, sendo por isso fator identitário”. Para Glória Solé (2017, p.147) “o património permite-nos indagar e conhecer o passado, mas este não deve ser compreendido como uma mera recordação do mesmo, faz parte do nosso presente e da nossa identidade”. Observar e conhecer o Património Local, levantando questões e procurando respostas permite, assim, saber mais sobre o que somos coletivamente.

O conceito de Património Cultural tem-se alargado nas últimas décadas. Além dos bens materiais, caracterizados por estarem ao alcance do nosso toque e, por isso, também definidos como tangíveis, como é o caso dos bens móveis (pinturas, esculturas, joias, mobiliário, ...) e imóveis (igrejas, praças, casas, ...), o Património Cultural inclui os bens imateriais, definidos por uma inexistência material, por isso intangíveis, como é o caso das lendas, contos, dança, música, crenças, histórias, jogos, festas e técnicas.

Desta forma, o Património Cultural integra todos os bens, materiais e imateriais, que pelo seu significado para a sociedade se constitui como um valor que determina a sua preservação, valorização e proteção para conseguir chegar às gerações ulteriores, o que reforça ainda mais a necessidade de promover a Educação Histórica e Patrimonial junto de crianças e jovens.

A Educação Patrimonial promove a alfabetização cultural, possibilitando, segundo Rossi, uma “leitura do mundo e compreensão do universo sociocultural” (Rossi, 2017, p.114) Horta, Grunberg e Queiroz (citados por Rossi, 2017, p. 116) consideram que a Educação Patrimonial “busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”, dinâmico e muito produtivo.

Estão associados quatro níveis à Educação Patrimonial – a observação, relacionada com a função e significado do objeto em causa; o registo, apresentado como o conhecimento associado ao objeto, partindo da sua observação; a exploração, resultante da apreciação de diferentes fontes; e, por fim, a apropriação do conhecimento (Rossi, 2017).

O estudo do Património Cultural implica a compreensão histórica, que envolve a História, a Memória e a Identidade de um legado pertencente a uma dada sociedade. Lado a lado, a Educação Patrimonial e a Educação Histórica devem, assim, assegurar aprendizagens, vivências, tomada de consciência de identidade cultural e a responsabilidade com o meio social (Rossi, 2017). A Educação Patrimonial visa promover o contacto dos grupos sociais com o Património Cultural, ou seja, com a essência de uma sociedade construída sobre memórias e, assim, sensibilizar a população para conhecer e valorizar as suas raízes, o meio ao qual estão culturalmente ligadas e que faz parte da sua identidade coletiva.

Contudo, embora teoricamente se reconheça a relevância da abordagem da História e do Património Cultural com crianças desde as idades mais baixas, a verdade é que estudos recentes evidenciam que os alunos revelam desconhecimento no que diz respeito à História e ao Património Cultural do meio em que residem ou se movem, em consequência de uma abordagem ligeira, por vezes, quase inexistente, em contexto escolar, de questões relacionadas com a História e Património Locais (Rossi, 2017). Desse desconhecimento, resultará em grande parte, mais do que a desvalorização do Património Cultural, responsável pelo desleixo e abandono a que, por vezes está votado, à sua destruição por comportamento inadequados, de que os meios de comunicação vão dando conta. É necessário mudar esses comportamentos e as escolas têm aqui um trabalho essencial que deve ser feito desde o jardim de infância. O Património Cultural é um valor a preservar, o que só pode ser feito com o comprometimento informado de todos.

Nas escolas, cabe, assim, aos professores alertar os mais jovens para a importância que as suas ações tomam na preservação e valorização do património, dando-lhes competências que lhes permitam ser cidadãos responsáveis e ativos na sociedade (Rossi, 2017). Para que esta chamada de atenção seja bem-sucedida, é fundamental que os professores, nas salas de aula ou fora delas, através da implementação de projetos e da organização de visitas de estudo, motivem os alunos a observar, questionar e compreender o meio que os envolve.

Compreensivelmente, os professores de História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico têm nestes assuntos especiais responsabilidades. A partir dos documentos orientadores – Aprendizagens Essenciais definidas para a disciplina, e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória –, cabe-lhes articular os conteúdos a abordar,

promovendo nos seus alunos o conhecimento e a valorização da História e do Património Cultural Local. Tal como referiu Alves (2006, p. 68):

importa adequar e aproveitar os conteúdos disciplinares para “alimentarem” as habilidades e capacidades pois são estas que podem facilitar ou inibir o exercício da competência. Esta mobilização deve naturalmente ter em conta a função social e individual da História, sendo nosso entendimento que a utilização de forma apropriada da Localidade pode constituir um factor essencial à motivação para os conteúdos e ao exercício da cidadania.

2. As Metodologias Ativas e o ensino de História e Geografia de Portugal em 2º CEB

Para que tenhamos uma educação de referência necessitamos, verdadeiramente, de refletir acerca das metodologias aplicadas, bem como rever os tempos e espaços utilizados no ensino-aprendizagem.

Metodologias mais tradicionalistas deixam, em parte, de fazer sentido quando temos um acesso tão facilitado à informação.

É fácil, nos dias de hoje, integrarmos o espaço e o tempo, mesmo que distintos, através das novas tecnologias e da internet. O mundo físico e o digital formam uma simbiose praticável e ajustável às realidades apresentadas, facilitando a saída da escola para o mundo. Acompanhar o desenvolvimento constante do mundo é tão importante quanto acompanhar e guiar o progresso do aluno.

Posto isto, se nos adaptamos às novas realidades, enquanto sociedade, os professores devem adaptar as suas metodologias de ensino aos alunos de hoje:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (Morán, 2015, p. 17).

As metodologias ativas apresentam-se benéficas pela capacidade de reflexão, integração e construção de novas práticas. Motivar, enquadrar e envolver o aluno são a base deste modelo de ensino.

O conhecimento é interpretado como um instrumento hábil na construção da humanidade. A produção de conhecimento envolve criticidade, criatividade e competência, sendo a pesquisa fulcral na sua edificação (Severino, 2002) e implica várias etapas (Fig. 1).

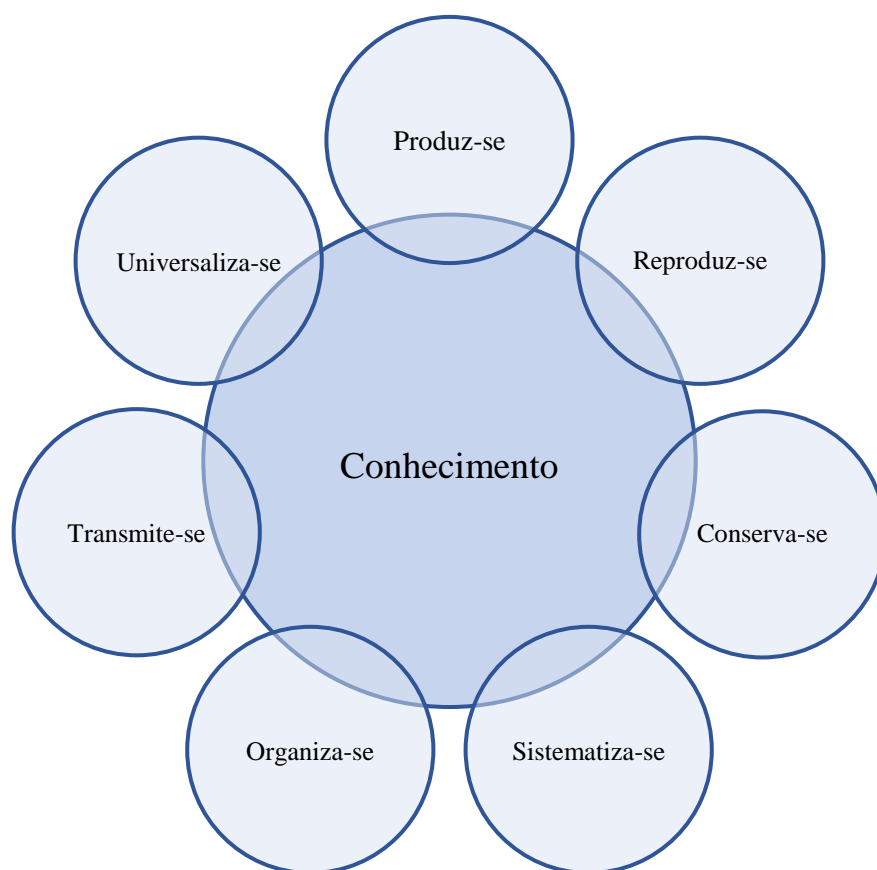


Figura 1 – Conhecimento – etapas (elaboração própria).

O conhecimento é um processo transmissível pelos mais variados produtores de aprendizagens, podendo surgir num contexto formal ou informal. No formal, destacamos o ensino corrente, com uma base mais tradicional, recorrendo ao Homem como seu transmissor, pela capacidade que este tem, quando especializado na arte do ensino, de diversificar e adaptar os conteúdos ao seu público aprendiz. No contexto informal, à partida menos condicionado, é possível um ensino por exploração, em que o aluno, de toda a matéria que lhe é exposta, destaca a que, para ele, se mostra com mais interesse e

trabalha-a de uma forma autónoma seguindo um conjunto de critérios previamente definidos.

Com isto, pretende-se realçar a importância que o aluno e o seu estado, bem como o mundo que o envolve toma na aquisição de conhecimento, ao invés de se considerar a qualidade do ensino na escola como o único fator.

Maslow (Ferreira et al., 2010) com a criação da teoria das necessidades, defendia que para se sentir realizado, um indivíduo teria de ver concretizados alguns fatores associados à sua vida, encontrando-se, assim, a satisfação humana. Estes fatores encontram-se hierarquizados por níveis de satisfação externa e interna (Fig. 2). Começamos pelo nível mais baixo onde identificamos as necessidades fisiológicas básicas e as necessidades de segurança e sociais. No patamar superior verificamos a autoestima e a autorrealização.

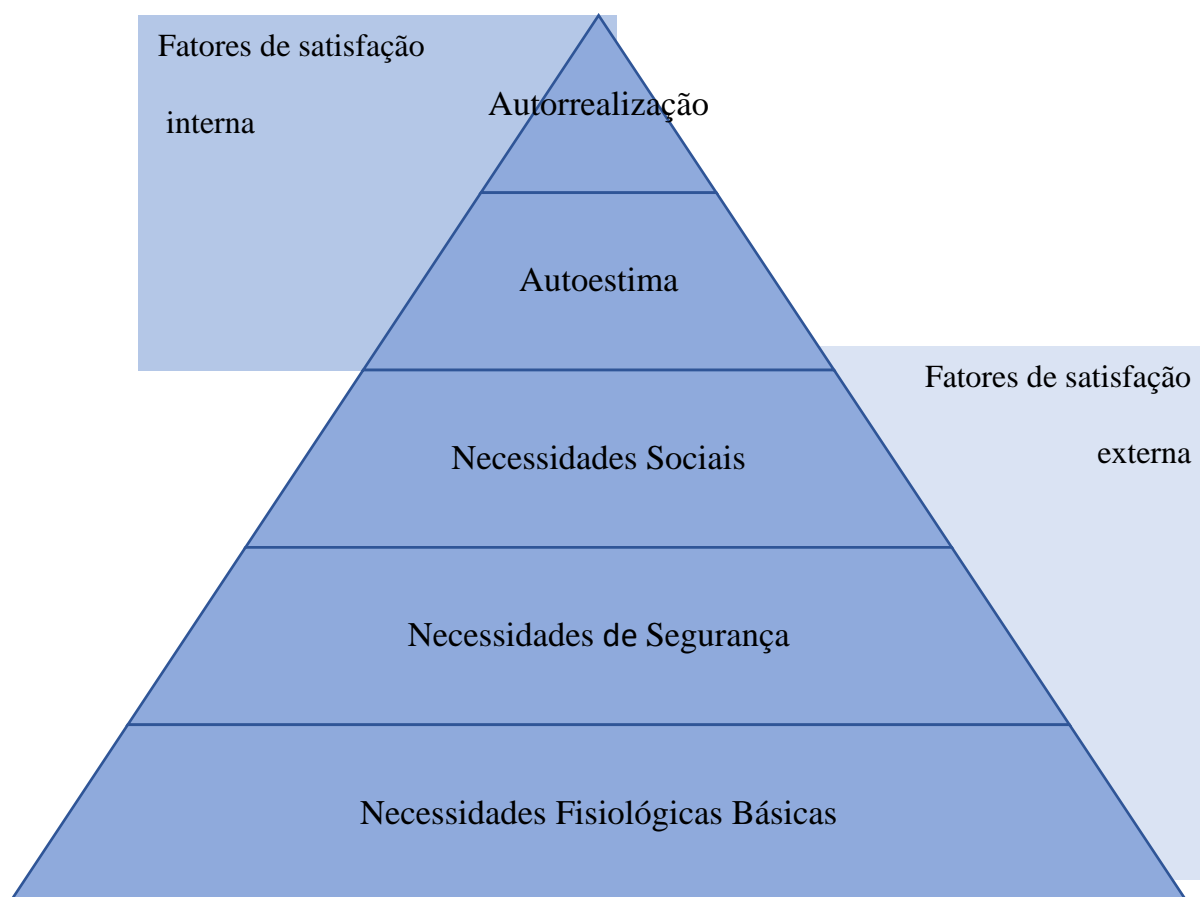


Figura 2 – Pirâmide representando a hierarquia das Necessidade de Maslow (elaboração própria).

Classifiquemos então as motivações segundo este teorema. A motivação intrínseca diz respeito à realização de algo gratificante ao indivíduo, apenas e só pelo prazer que a atividade proporcionará. Por exemplo, um aluno aprende, porque gosta de aprender. A motivação extrínseca relaciona-se com o objetivo exterior à atividade. Por exemplo, um aluno pode realizar uma tarefa como forma de alcançar uma recompensa, evitar uma punição. Neste caso, fala-se de uma concretização que levará a uma compensação.

No ensino-aprendizagem estas motivações devem ser tidas em conta de acordo com o ambiente em que cada aluno está inserido para, assim, se conseguir alcançá-lo, tornando-o o centro da aprendizagem. A motivação deve assumir um papel importante, pois aclara a razão pela qual o aluno se interessará pela aprendizagem. Assim, torna-se importante que os docentes utilizem estratégias motivadoras que levem à aquisição e transmissão de conhecimento.

Por outro lado, convém sublinhar que a sociedade democrática se caracteriza, essencialmente, pela participação ativa dos cidadãos e por esta definir e garantir melhorias no seu global. Portanto, a escola deve ser democrática, promovendo iniciativas democráticas, que levem os seus alunos a tornarem-se participantes de opinião e razão. Definimos participação como uma ação de intervenção ativa, que leva à tomada de decisões e ações relativas ao ambiente em que nos encontramos.

Apple e Bearne (citados por Rodrigues, 2017, p. 28) conceptualizam as escolas democráticas pela sua ampla participação, em que alunos e professores se envolvem na planificação, tendo sempre em atenção os seus mútuos interesses. A participação capacita em responsabilidade, capacidade de dialogar, avaliar, aprender e trabalhar em equipa.

Uma forma de envolver os alunos e levá-los à participação consiste na identificação dos seus interesses e na apresentação dos conteúdos de uma forma cativante, para que o aluno queira descobrir mais, porque se sente motivado.

A escola e os professores já não são exclusivos veiculadores de conhecimento. A aprendizagem deve ser construída, de forma coadjuvante, por professor e aluno, sendo que este assume o centro do processo educativo. Explorar e mover conhecimentos e, fundamentalmente, interpretar cada detalhe das figuras que a constituem, no fundo ver os alunos como um fim ao invés de um meio

Os professores devem explorar e trabalhar os interesses dos alunos, procurando afastar-se, quando necessário, do ensino mais tradicional, colocando o aluno no papel de investigador ativo de conhecimento. O processo de investigação permitirá ao aluno aprender por si mesmo e a um ritmo mais adequado, cumprindo sempre com o objetivo traçado, permitindo-lhe ainda “deslocar-se” da sala de aula, explorar o meio e orientar e organizar o seu trabalho.

Por outro lado, é cada vez mais necessário trazer para a sala de aula as novas tecnologias. As últimas décadas têm sido marcadas por uma rápida e consistente evolução tecnológica. A sociedade tem vindo a alterar comportamentos, formas e estar e de pensar com natural impacto na educação e nas relações professor-aluno. A adaptação do ensino e da educação ao contexto tecnológico em que nos encontramos está diretamente ligada à atitude que todos os profissionais e não profissionais assumem perante o uso dos recursos disponíveis a esta “nova sociedade” (Lopes, 2018, p.4), pois, ainda nas palavras deste mesmo autor, “não basta apenas equipar as escolas com todo o tipo de equipamento moderno e manter o mesmo modelo escolar”.

A inserção da tecnologia na educação poderá ser, assim, interpretada como uma mudança de paradigma no que diz respeito à valorização da linguagem audiovisual, acabando com a estrutura que separa a linguagem tecnológica da oral e da escrita.

Cabe ao professor a utilização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) em contexto de sala de aula:

Na sociedade digital o professor tem muitas mais tarefas, pois através da sua mediação pode fazer com que os seus alunos pensem, questionem e construam as suas próprias opiniões. Por isso, não será exagerado referir que a alma de qualquer instituição de ensino seja o professor (Lopes, 2018, p. 5).

Lopes (2018) assume o professor como o responsável por “construir o conhecimento com os seus alunos, questionar, duvidar, enfrentar divergências, e enriquecer tais ações com o apoio da tecnologia”.

A construção do conhecimento, referida pelo autor, advém de momentos de partilha de conhecimentos e experiências entre professores e alunos que consideram fundamental a descoberta do saber. Isto acontece numa sociedade em que a informação é a base do conhecimento. O contrário verifica-se numa sociedade que se desenvolve pelo ensino tradicional em que o processo de aquisição de conhecimento recorre à memorização e,

dessa forma, o professor assume o papel de transmissor e os alunos de destinatário da informação (Fig. 3).

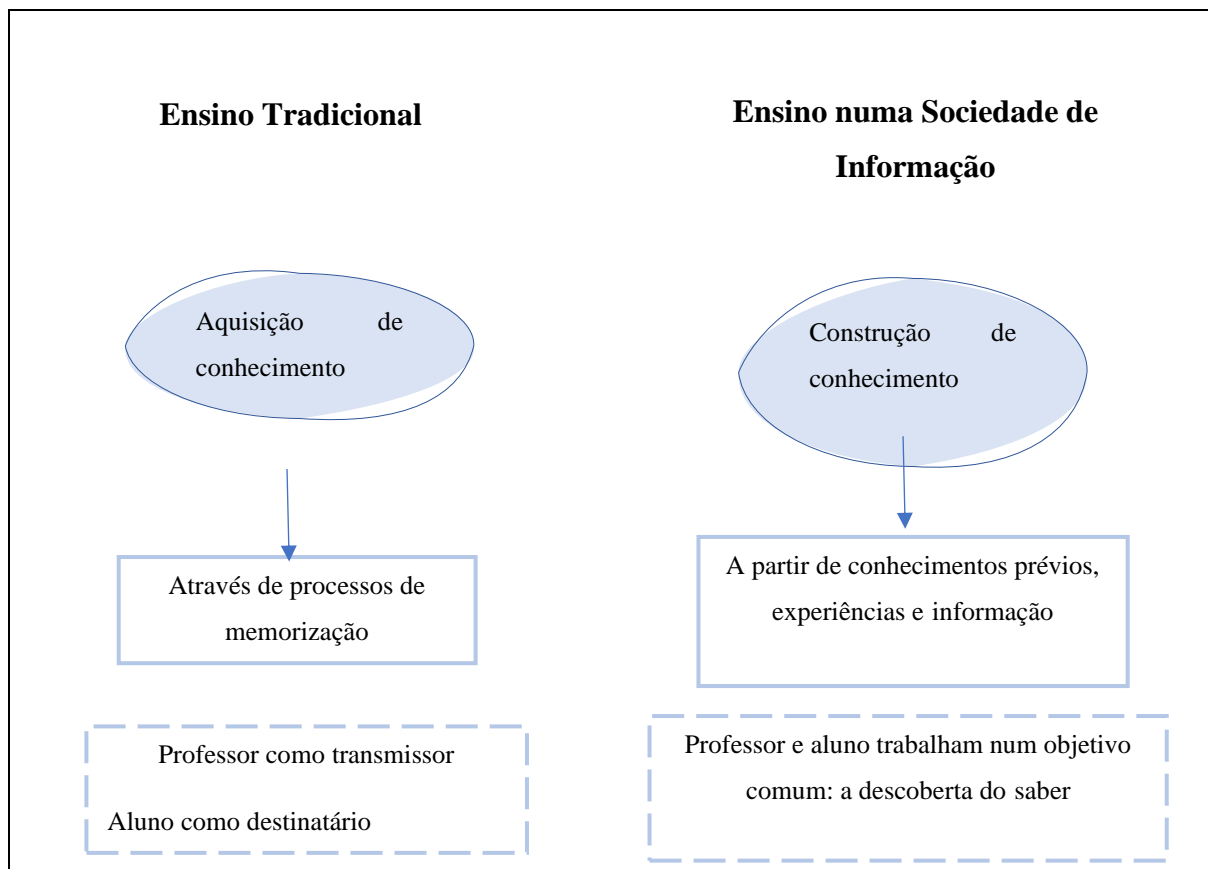


Figura 3 – Ensino tradicional vs. Ensino numa sociedade de informação

(Fonte: Lopes, 2018)

Na sociedade de informação existe um eixo de trabalhos comum ao professor, aluno e escola. Esta deve possibilitar a transformação do ensino disponibilizando novos recursos e oportunidades aos professores que se assumem como impulsionadores das práticas pedagógicas diferenciadas e metodologicamente adaptadas aos alunos com quem trabalham, que, por sua vez, validam estas práticas educativas, desempenhando um papel ativo no seu desenvolvimento e na construção de conhecimento (Tabela 1).

Tabela 1 – O papel da escola, do professor e do aluno na sociedade digital

Escola	Professor	Aluno
<ul style="list-style-type: none"> - Inovar - Transformar - Educar para lá dos “seus muros” - Viver uma revolução tecnológica - Reformular práticas tradicionais - Transformar o ambiente escolar 	<ul style="list-style-type: none"> - Construir conhecimentos - Conhece estratégias diversificadas - Desenvolve competências - Reflete/Investiga - Disposto para a formação - Muda as suas práticas - Recetivo para as tecnologias 	<ul style="list-style-type: none"> - Papel ativo - Utiliza as TIC como ferramentas cognitivas - Constrói o seu conhecimento - Muda as regras e as formas de aprender

Fonte: Lopes, 2018, p.8.

No caso específico do ensino da História as metodologias adotadas pelos professores devem viabilizar o gosto pela descoberta, tendo como principais objetivos compreender a sociedade, adquirir valores, a receção de informação e a formação para a cidadania (Rodrigues, 2017). O professor deve criar condições para que o aluno possa demonstrar uma participação ativa. Só assim este conseguirá vivenciar momentos de aprendizagem e conhecimento, seguindo os ideias de Libâneo citado por Rodrigues (2017, p. 32). O aluno deve perspetivar-se como um “sujeito histórico”, para alcançar mais aprendizagens. Isto é, deverá participar ativamente na sociedade através da partilha de vivências e, assim, desenvolver relações interpessoais; e através da resolução de problemáticas sociais, aprimorando a sua capacidade de reflexão e debate de ideias. No fundo, o aluno deve rever-se na sociedade em que vive, reconhecê-la como um lugar que lhe pertence e para o qual contribui para o seu crescimento, deixando a sua marca e a sua identidade.

O trabalho efetuado em sala de aula não passa apenas pela exposição e aquisição ou compreensão de aprendizagens. Existem várias atividades, interessantes, a nível pedagógico, que poderão ser colocadas em prática. Serve de exemplo a construção de cronogramas, a análise de documentos escritos, gráficos e cartográficos, o tratamento de dados recolhidos, a organização de debates, a produção de trabalhos escritos, a realização de visitas de estudo e o trabalho com recursos tecnológicos e didáticos.

Ao nível das novas tecnologias, existem ferramentas motivadoras, passíveis de serem utilizadas no ensino da História e Geografia de Portugal: *Google earth*, para a observação e compreensão do espaço; o *Xmind*, para a produção de esquemas que permita fazer o

tratamento e organização de informação; e o *Storymap*, que permite construir apresentações de forma dinâmica e auxiliada por mapas, vídeos e imagens.

2.1. Trabalho por projeto

O Trabalho por Projeto caracteriza-se pela formulação de problemas, que determinam a planificação e organização da ação pelos grupos responsáveis pela sua resolução. Todo este processo é desenvolvido no âmbito do trabalho de grupo e cooperação interpares (Fig. 4).

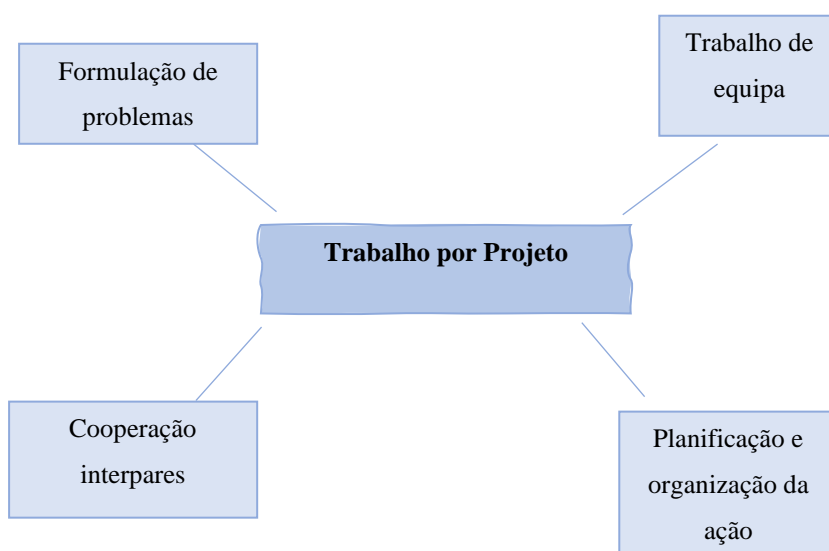


Figura 4 – Esquema relativo ao Trabalho por Projeto (Trindade, 2002).

Esta metodologia promove a participação dos alunos na construção e validação dos projetos, tornando-os responsáveis pela estruturação e desenvolvimento da ação.

Neste sentido, Cosme e Trindade (citados por Trindade, 2002, p. 65) referem que “os alunos perante situações que possam mobilizar o seu investimento, organizem um plano de ação e o implementem, acreditando-se que, possivelmente, poderão aprender algo no decurso desse processo”. Verifica-se assim que o Trabalho por Projeto apela ao

pensamento divergente, baseado na descoberta de diversas soluções capazes de fazer face ao problema apresentado.

A metodologia do Trabalho por Projeto deve seguir uma sequência de trabalhos que viabilizem a concretização do plano de ação, procurando dar resposta às seguintes questões, “O que é que vamos fazer?”; “Como é que vamos fazer?”; “O que é que andamos a fazer?” e “O que é que fizemos?” (Tabela 2).

Tabela 2 – Plano de Ação para a implementação de um Projeto

Questões	Trabalhos a realizar
O que é que vamos fazer?	Definição do problema
	Resposta ao Problema
Como é que vamos fazer	Planeamento dos trabalhos
O que é que andamos a fazer?	Avaliação intermédia
	Preparação da apresentação pública do(s) resultado(s) do trabalho
	Apresentação pública
O que é que fizemos?	Avaliação final

Fonte: Trindade, 2002.

A busca pelas respostas pressupõe uma planificação consistente e bem estruturada, de forma que o caminho traçado seja alcançado sem grandes desvios ou entraves. A distribuição de tarefas pelos elementos do grupo de trabalho é fundamental para que a recolha de informações através da pesquisa seja o mais rentável e satisfatório. Este plano deve, assim, contar com a participação ativa do aluno, de modo que as aprendizagens a realizar sejam mais bem-apresentadas e trabalhadas, garantindo a apreensão de conhecimento.

Contudo, convém sublinhar, que a planificação realizada no âmbito desta metodologia de trabalho caracteriza-se pela flexibilidade, uma vez que pode sofrer ajustes que beneficiem a participação dos alunos e o seu desenvolvimento pedagógico, pela sua capacidade de antevisão e de reflexão.

O produto final, derivado de todo o trabalho de cooperação, deve ter uma carga social importante, no sentido de permitir a partilha de conhecimentos e a compreensão de conteúdos que, inicialmente, eram encarados como uma questão ou problemática.

Rangel e Gonçalves (2011) afirmam que o Trabalho por Projeto possibilita uma “educação motivada e aberta”, dado que, através dos interesses dos alunos e da sua posição no meio em que está inserido, lhes é possibilitado construir conhecimento e compreensão sobre o mundo, estando motivado e interessado no trabalho proposto; uma “educação participativa e partilhada” pois, como já referido, os alunos têm um papel essencial na planificação e tomada de decisão sobre o que deve ou não ser feito; e uma “educação cooperativa e em interação” pela colaboração necessária na organização, recolha, tratamento e produção de todo o trabalho proposto.

O Trabalho por Projeto leva a que os alunos sejam mais capazes de agir em função do seu pensamento reflexivo, confrontando ideias e práticas relacionadas com saberes pedagógicos e sociais (Mateus, 2011, pp. 6-7) e sustenta uma “educação integrada e integral”, no sentido em que possibilita a diversidade de recursos a utilizar na mobilização de conhecimentos, partindo de variadas abordagens e experiências de vida para alcançar conhecimentos e objetivos traçados (Rangel & Gonçalves, 2010, pp. 23-24).

Parte II - Metodologia de Investigação

1. Objetivos da investigação e procedimentos metodológicos

O processo de investigação-ação é entendido por Elliott (citado por Fonseca, 2020, p.18) como “um estudo de uma situação social que tem como objetivo melhorar a qualidade de ação dentro da mesma”.

Metodologicamente, a investigação-ação trata de estratégias capazes de desenvolver práticas educativas e sociais, no sentido de levar à reflexão e ao raciocínio entre os seus intervenientes, proporcionando momentos de cooperação.

A caracterização do processo de investigação é suportada pelo trabalho colaborativo no desenvolvimento de uma problemática e só o dinamismo das diferentes partes envolvidas na problemática permite contrastar opiniões e resultados alcançando, desta forma, os resultados desejados.

No fundo, esta metodologia está “orientada para a melhoria da prática para aperfeiçoar e resolver problemas” (Fonseca, 2020, p.19) através de momentos reflexivos em que as conclusões se transformam em novas práticas e estas, por sua vez, geram novas conclusões passíveis de reflexão e análise. Falamos assim de um processo cíclico capaz de motivar novas ponderações.

O principal objetivo definido para a investigação desenvolvida e que se apresenta no presente relatório foi o de construir e implementar um projeto que permitisse a alunos do 2º CEB o conhecimento da História e Património Local, de forma a perceber se da sua participação no projeto resultaria a sensibilização para a sua valorização e para a necessidade da sua preservação.

Trata-se de um estudo de caso pois a sua aplicação é suportada pela recolha, análise e interpretação de informações retiradas, essencialmente, da análise qualitativa de dados. O estudo de caso diferencia-se de outras metodologias pela sua aplicabilidade na sociedade.

A investigação é de carácter qualitativo e quantitativo.

Na análise qualitativa “o investigador é o «instrumento» da recolha de dados; a validade e a fiabilidade dos dados depende muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência” (Carmo & Ferreira, 2015, p.181).

No artigo de Meirinhos e Osório (2010, p.50) são elencadas três características importantes na diferenciação das análises qualitativa e quantitativa de uma investigação, sendo elas “a distinção entre explicação e compreensão; a distinção entre função pessoal e impessoal do investigador; a distinção entre conhecimento descoberto e construído”. Assim, a análise qualitativa permite ao investigador interpretar dados para que consiga construir conhecimentos.

Por sua vez, quando o investigador desenvolve uma análise quantitativa procura uma análise mais generalista dos acontecimentos, no sentido em que procura uma causa-efeito no estudo realizado, de forma a encontrar, através da análise dos números, padrões de referência.

Para a recolha dos dados a analisar nesta investigação consideraram-se os seguintes instrumentos – as narrativas descritivas por nós redigidas após a realização de cada sessão e o inquérito por questionário realizado aos alunos após a sua conclusão. O registo fotográfico, inicialmente previsto, não foi possível de fazer, por falta da devida autorização por parte dos encarregados de educação.

1.1. Enquadramento do ambiente socioeducativo e caracterização do grupo

O projeto foi implementado com alunos do 5º ano do 2º CEB de um estabelecimento de ensino, de cariz público, no distrito do Porto. Quanto à sua localização, esta situa-se na zona metropolitana do Porto, marcada pela heterogeneidade social, pelo que é possível verificar a presença de alunos de todas as proveniências sociais. Situa-se numa rua de sentido único por detrás de algumas moradias, passando despercebido às pessoas que desconheçam a zona e a existência desta escola.

O corpo docente é constituído por professores maioritariamente em final de carreira, sendo visível alguma desmotivação, cansaço e descontentamento agravados pela situação pandémica e pela indisciplina de alguns alunos.

Relativamente aos alunos, nomeadamente do 5º e 6º ano de escolaridade, revelam-se, muitos deles, desinteressados e mais distantes da aprendizagem. Os problemas de indisciplina estão bastante presentes nesta instituição.

O grupo de trabalho era composto por 20 alunos, dos quais 12 raparigas e 8 rapazes, de uma faixa etária compreendida entre os 10 e os 11 anos, salientando uma forte presença de alunos com 11 anos. Maioritariamente, estes alunos residem na zona próxima à escola, estando, por isso, familiarizados, com seu meio circundante da instituição educativa.

Trata-se de um grupo heterogéneo ao nível dos conhecimentos e interesse. Se alguns alunos detêm conhecimentos e conceitos já definidos e apreendidos, outros demonstram mais dificuldade ao nível da compreensão de conteúdos e na participação em sala de aula.

Parte III – A intervenção – planificação, implementação e resultados

1. O projeto *Porto de Memória*

1.1. A planificação

Utilizamos a metodologia do Trabalho por Projeto para o desenvolvimento do projeto de intervenção.

Tendo em atenção que “o património permite-nos indagar e conhecer o passado, mas este não deve ser compreendido como uma mera recordação do mesmo, faz parte do nosso presente e da nossa identidade” (Solé, 2017, p.147), a construção e aplicação do projeto *Porto de Memória* tem como objetivo sensibilizar os alunos para a valorização do património e história local.

A implementação do projeto permitirá trabalhar de forma interdisciplinar diferentes áreas do saber.

No âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal procurar-se-á alcançar objetivos indicados nas *Aprendizagens Essenciais* do 5º ano para essa disciplina, possibilitando aos alunos conhecer factos históricos; recolher e selecionar dados de fontes históricas fidedignas, pesquisar de forma progressivamente autónoma e valorizar o património histórico.

No âmbito da disciplina de Português os objetivos definidos serão os de utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação; planificar a escrita por meio de ideias e da sua hierarquização; escrever textos organizados; escrever com respeito pelas regras de ortografia e pontuação; aperfeiçoar o texto depois de redigido (*Aprendizagens Essenciais: Português – 5º ano*).

Relativamente ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, os alunos serão incentivados a utilizar o computador como ferramenta de apoio ao processo de pesquisa e para construção de um álbum digital.

A planificação do projeto *Porto de Memória* foi, assim, realizada tendo em conta, por um lado, os objetivos definidos a partir dos documentos oficiais e, por outro, os interesses dos alunos, de forma a assegurar a sua motivação e empenho no desenvolvimento das tarefas, implicando-os no processo de aprendizagem. O número e a duração das sessões

foram definidos em função das condições reunidas na instituição educativa para a realização do projeto.

O projeto foi planeado para ser desenvolvido ao longo de sete semanas, em sessões semanais de 40 minutos, na sala e no horário da disciplina de TIC, na impossibilidade de ser operacionalizado, pelo tempo que seria necessário disponibilizar, no horário ocupado pela disciplina de História e Geografia de Portugal. Como o projeto possui uma forte componente tecnológica fazia todo o sentido ser desenvolvido em TIC, quando os alunos estão numa sala que dispõe do necessário equipamento informático. Para isso, foi obtido a devida autorização da direção da instituição educativa e do professor da disciplina de TIC.

Os alunos serão organizados em grupos e cada um deles selecionará um elemento do património local para sobre ele recolher informação e escrever um texto para incluir num álbum digital sobre o Património Cultural da freguesia na qual a escola se localiza.

Para motivar os alunos, optou-se por criar uma situação que servisse como impulsionadora do projeto – um convite, fictício, da Câmara Municipal do Porto dirigido aos alunos, solicitando-lhes a construção de um álbum digital com informação relativa ao Património Local para dar a conhecer aos turistas. A razão para o convite será claramente expressa – são alunos do 2º CEB que conhecem bem a zona onde se encontra a sua escola e, como tal, os destinatários adequados para responderem ao pedido da Câmara Municipal do Porto (Fig. 5).



A cidade do Porto, Património Mundial da UNESCO, eleita "melhor destino europeu para uma escapadela urbana", revela encantos que a ninguém passam despercebidos.

Mas há locais da Invicta que, por se encontrarem mais afastados do centro da cidade, não são explorados e apresentados aos turistas.

Destaquemos Ramalde, Paranhos, Campanhã e a União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde.

Seria interessante e benéfico para estas freguesias que os seus encantos fossem descobertos.

O que poderá ser feito? É a grande questão.

Desta forma, propomos aos estudantes destas freguesias, que motivados pela grandiosidade do seu património, nos ajudem a mostrar a beleza da sua freguesia aos turistas e próprios cidadãos portugueses, que muitas vezes se mostram desatentos no seu dia-a-dia.

Contamos convosco.

(Câmara Municipal do Porto)

Figura 5 – Convite da Câmara do Porto fictício dirigido aos alunos.

Para que os alunos tenham acesso à informação online sobre História e Património da cidade do Porto construímos um site, disponibilizando conteúdos e acessos previamente selecionados (<https://pt.strikingly.com/s/sites/17795751/edit>). Desta forma, será possível orientar os alunos na pesquisa de informação necessária ao desenvolvimento do seu trabalho ao mesmo tempo que lhes é dada autonomia de trabalho e espaço para fazerem as suas opções.



Património e a cidade Invicta

Adicionar uma agenda

Património

O património constitui um conjunto de valores que, pela sua importância, se digna à preservação, valorização e proteção para conseguir chegar às gerações ulteriores. Devemo-nos tornar mais conscientes sobre o património e a sua constituição que vai muito além de bens materiais.

Classificação de Património

Património Cultural / Natural

- Vestígios arqueológicos ou históricos no seu contexto natural original;
- Vestígios fósseis paleontológicos associados à atividade humana;
- Vestígios subaquáticos de atividade humana;
- Paisagem cultural, produzida num determinado tempo e espaço;

Património Cultural Imaterial

- Saberes (conhecimentos e modos enraizados na vida quotidiana das comunidades);
- Celebrações (rituais, festividades e práticas da vida social);
- Formas de expressão (manifestações literárias, musicais, plásticas, cénicas, lúdicas, ...);
- Lugares (mercados, feiras, santuários, praças e outros espaços que envolvam práticas sociais);

Património Cultural Material – Móvel

- Monumentos e sítios históricos;
- Monumentos públicos;
- Monumentos artísticos;
- Conjuntos arquitetónicos;
- Centros industriais;
- Obras de engenharia;

Património Cultural Material – Imóvel

- Pinturas;
- Esculturas;
- Livros;
- Maquinarias;
- Equipa de laboratório;
- Objetos domésticos / de trabalho;
- Objetos para rituais;
- Material audiovisual

Porto, uma cidade da Humanidade

"Organismo vivo, integrado numa área ativa da cidade, tornou-se "um valor universal excepcional" reconhecido e que merece especial proteção e valorização."

Comitê Nacional da UNESCO

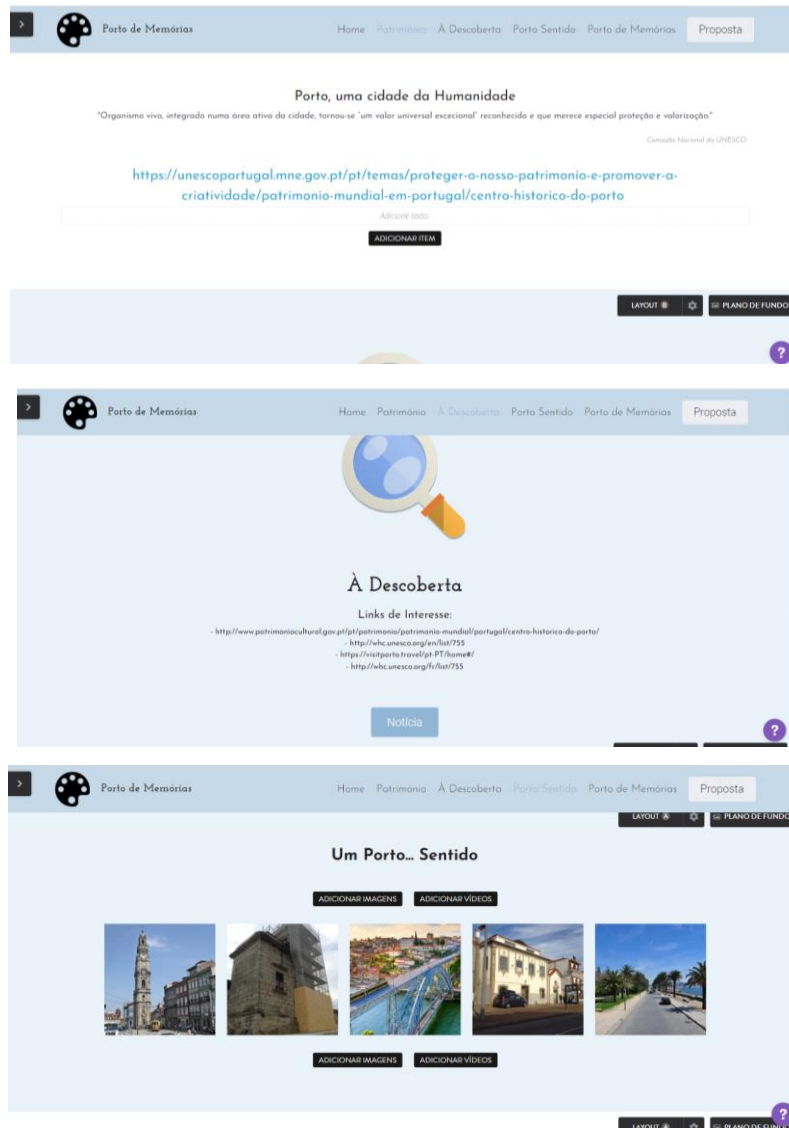


Figura 6 – Imagens do site que construímos no âmbito deste projeto.

Para que os alunos pudessem fazer o melhor acompanhamento do projeto ao longo do seu desenvolvimento, construímos um Guião de Trabalho ((Fig. 7) a distribuir a cada um deles. Nesse guião há um espaço para o registo das ideias sobre o que pensam que é Património Cultural, sobre o património por eles identificado no meio local e sobre a organização do grupo de trabalho a que pertencem. No final, e para preenchimento após a conclusão do projeto, encontra-se um inquérito por questionário que permitirá a cada aluno avaliar a sua participação, individual e em grupo, no projeto e projeto na sua globalidade, com classificação de 1 a 5 estrelas, através das seguintes questões:

“Como avalio o meu trabalho individual”,

“Como avalio o trabalho do grupo”,

“Como avalio o projeto *Porto de Memória*”.

Poderá, ainda, salientar, numa tabela, o que “mais gostei de fazer” e o que “menos gostei de fazer”. Tal como foi já referido, o preenchimento deste guião permitirá recolher dados quantitativos e qualitativos para avaliação dos resultados do projeto.

A construção do álbum digital em que cada grupo integrará o elemento do Património Local que selecionou e trabalhou, será feita a partir da ferramenta *Canva*, uma plataforma digital, gratuita, que permite a criação de conteúdos digitais através da edição de texto, integração de imagens e designs gráficos.

Guião de Trabalho



Património

o que acho ser...



o que verifiquei ...

Identificação:

Nome: _____

Número: _____ Turma: _____

Património que conheço

Projeto – “Porto de Memória”

O que vamos fazer??

- Pesquisar o património existente ao redor da nossa escola;
- Apresentar o património a partir de um pequeno texto e imagens;
- Construir um **álbum digital** 😊

Tudo a postos??? Mãos à obra!!!!!!

Identificação do grupo de trabalho:

Elementos do grupo	
Nome	Número

Divisão de tarefas:

Elemento 1:	
Elemento 2:	
Elemento 3:	
Elemento 4:	

Por fim...

Como avalio o meu trabalho individual:
 ☆☆☆☆☆

Como avalio o trabalho do grupo:
 ☆☆☆☆☆

Como avalio o Projeto “Porto de Memória”:
 ☆☆☆☆☆

<input type="checkbox"/> que mais gostei de fazer	
<input type="checkbox"/> que menos gostei de fazer	

Figura 7 – Guião de Trabalho a distribuir a cada aluno.

Assim, e conforme pode ser verificado na Tabela 4, a 1ª sessão será ocupada com a apresentação do projeto. Essa apresentação terá início com a entrega e leitura do convite da Câmara Municipal do Porto, seguindo-se um diálogo com os alunos acerca da sua vontade e motivação em aceitar o desafio proposto. Aceite o convite pelos alunos, será discutido com a turma o conceito de Património Cultural, a partir da apresentação em PowerPoint, de fotografias do Património Cultural da cidade do Porto.

Após esta partilha de ideias será entregue aos alunos o Guião de Trabalho, dando-lhes tempo para o explorarem e levantarem as questões que considerarem necessárias. De forma autónoma os alunos irão constituir os grupos de trabalho.

Na 2ª sessão, os alunos organizados em grupos de trabalho e após a identificação e distribuição das tarefas a realizar, darão início à pesquisa e recolha de informação (textual e iconográfica) sobre o Património Cultural Local, tarefa que continuarão na sessão seguinte (3ª).

Na 4ª e 5ª sessões os alunos ocupar-se-ão da redação dos textos informativos, em suporte digital (Word) sobre o Património Cultural Local selecionado por cada grupo.

Por fim, as 6ª e 7ª sessões destinar-se-ão à construção do álbum digital com o contributo do trabalho já desenvolvido por todos os grupos. No final, cada aluno responderá ao inquérito por questionário integrado no Guião de Trabalho. Uma vez respondido, cada Guião será fotografado para que a informação neles registado possa ser analisado no âmbito deste estudo, e devolvido aos alunos.

Tabela 3 – Planificação do projeto *Porto de Memória*

Objetivos de aprendizagem			
História e Geografia de Portugal			
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a sensibilidade estética; - Conhecer factos históricos; - Recolher e seleccionar dados de fontes históricas fidedignas; - Pesquisar de forma progressivamente autónoma; - Valorizar o património histórico; 			
Português			
<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação; - Planificar a escrita por meio do registo de ideias e da sua hierarquização; - Escrever textos organizados; - Escrever com respeito pelas regras de ortografia e pontuação; - Aperfeiçoar o texto depois de redigido; 			
TIC			
<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar computador como ferramenta de apoio ao processo de pesquisa; - Conhecer as potencialidades de diferentes aplicações digitais; 			
Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória			
<ul style="list-style-type: none"> - Responder, questionar, mostrar iniciativa; - Questionar de forma organizada; - Assumir responsabilidades nas tarefas, atitudes e comportamentos; 			
Mês/dia (11:30h- 12:10h)	Sessão	Atividades	Recursos
mar. 30	1	Apresentação do projeto e entrega do convite da Câmara Municipal do Porto; Diálogo com os alunos sobre o que é Património Cultural, com recurso a uma apresentação em PowerPoint; Entrega a cada aluno do Guião de Trabalho. Organização dos alunos em grupos de trabalho.	Computador; Projetor; PowerPoint; Guião de Trabalho
abr. 6	2	Identificação e distribuição de tarefas pelos alunos em cada um dos grupos. Pesquisa e recolha de informação sobre o património local realizada pelos alunos	Guião de Trabalho; Computadores
abr. 20	3	Pesquisa e recolha de informação sobre o património local realizada pelos alunos (conclusão).	
abr. 27	4	Produção dos textos informativos sobre o Património Cultural Local selecionado pelos alunos.	
mai. 11	5		
mai. 18	6	Construção do álbum digital.	
mai. 25	7	Resposta ao inquérito por questionário para avaliação do projeto.	

1.2 A implementação

Conforme planeado, a implementação do projeto *Porto de Memória* iniciou-se com a apresentação do convite da Câmara Municipal do Porto, que foi imediatamente aceite por toda a turma. Os alunos foram questionados sobre o conceito de Património Cultural que reconheceram como referiu a aluna I como “coisas que nos são deixadas pelos mais antigos” (Apêndice – Narrativa 1). Cada um deles registou o que pensava no guião, verificando-se que todos eles tinham uma ideia prévia válida sobre essa questão (Tabela 5).

Tabela 4 – Guião de Trabalho – exemplo de registo dos alunos sobre o que pensavam que o Património Cultural era e o que verificaram ser

Património – O que acho ser?
<ul style="list-style-type: none">- “Monumentos históricos”- “Acho que é algum monumento etc. que traz história para a cidade, país...”- “Acho ser a história de Portugal. Coisas antigas e importantes.”- “O património são alguns monumentos, ruas, escolas, igrejas, pontes...”- “Eu acho que é uma herança, um monumento”- “Um património é um monumento (antigo) dentro da freguesia”- “Um património é um monumento muito antigo que aguentou até agora.”- “Eu acho que um património é um monumento antigo que chegou até nós”
Património – o que verifiquei ser
<ul style="list-style-type: none">- “Património são bens, direitos e obrigações de valor económico e pertencentes a uma pessoa ou empresa.”

Explicado e entendido o conceito de património, os alunos tiveram a oportunidade de identificar alguns exemplos do Património Cultural da cidade do Porto, reconhecendo-os facilmente e localizando-os com rapidez.

Posteriormente, foram criados, de forma livre e autónoma, pela turma, os grupos de trabalho. No total, foram organizados cinco grupos constituídos por quatro elementos.

Após a formação dos grupos de trabalho, os alunos foram desafiados a, no decurso da semana, até à sessão seguinte, pensarem no elemento do Património Cultural Local que queriam trabalhar, para depois darem início à pesquisa que lhes permitisse recolher informação e imagens.

Na 2ª sessão, cada grupo de trabalho identificou o elemento do Património Cultural Local escolhido para trabalhar e iniciou a pesquisa, com recurso ao computador e à internet. Alguns dos alunos mostraram já ter feito alguma pesquisa em casa e ter falado com os encarregados de educação sobre esse assunto, pelo que já tinham conhecimentos e ideias.

Entre o Património Cultural Local, os alunos escolheram um edifício (Igreja do Cristo Rei), duas estátuas (Homem do Leme e Monumento ao Salva-Vidas) e duas Praças (Praça de Liége e Praça do Império).

Tabela 5 – Património escolhido por cada grupo de trabalho

Grupo de trabalho	Património Cultural Local
Grupo “dos Monumentos”	Igreja do Cristo Rei
Grupo “As 4 Mosqueteiras”	Estátua – Homem do Leme
Grupo “das Bananas”	Estátua – Monumento ao Salva-Vidas
Grupo “Algarve F. C.”	Praça de Liége
Grupo “Os Hackers”	Praça do Império

No decurso da 3ª sessão do projeto, três grupos conseguiram terminar as pesquisas e seleção de imagens (“Grupo das Bananas”; “Grupo Algarve F.C.” e “Grupo Os Hackers”). Dois grupos ficaram ainda com trabalho para fazer na sessão seguinte.

Na sessão seguinte (4ª) foram retomados os trabalhos, sendo que os três grupos acima referidos iniciaram a construção das páginas do álbum digital, destinado, conforme solicitação expressa no convite inicial, à apresentação do Património Cultural Local trabalhado por cada grupo. No início, os alunos demonstraram alguma dificuldade em lidar com a aplicação, mas com as nossas indicações, rapidamente as superaram,

experimentando e trocando ideias entre si sobre o que pretendiam. No final, o grupo “Os Hackers” deu por concluída a construção das páginas que lhe estavam atribuídas.

Na 5ª sessão de trabalhos, todos os grupos concluíram a construção das suas páginas no álbum digital (Fig. 8). O grupo “Os Hackers” que já tinha terminado a tarefa na sessão anterior ofereceu-se para construir a capa e contracapa do álbum (Fig. 9), tendo recolhido ideias dos restantes colegas.



Igreja de Cristo Rei

Funções :

1. Fomentar e promover a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, bem como a espiritualidade ligada à solenidade de Cristo Rei, através de várias iniciativas, quer por via de Publicações, quer pelo modo como organiza a vida do Santuário.
2. Transmitir a Mensagem de Paz aos visitantes, procurando criar um ambiente de Peregrinação.
3. Sensibilizar a Igreja que está em Portugal para a Mensagem do Santuário.

Grupo dos Monumentos



Ano de construção: 1953
Autores da obra: Eduardo Raul da Silva Martins
Arquiteto : Manuel da Silva passos junior.

LOBO DO MAR

Porto

Onde se localiza: Avenida do Brasil
Quando foi construído: 1937
Autor: Henrique Moreira nasceu 1890 e morreu 1979
Monumento: “Lobo do Mar” ou “Salva-Vidas”

A estátua é uma homenagem aos que enfrentam o mar para salvar vidas, no meio de uma tempestade.

Foi inaugurado em 1937 nos jardins da Avenida Brasil.
O monumento está conservado, no entanto não tem qualquer informação sobre o seu propósito ou que o que simboliza, quem foi o seu autor (Henrique Araújo Moreira natural de Avintes, Vila Nova de Gaia, 1890-1979, muito ligado à cidade do Porto onde tem várias outras obras de relevo e significado) e o ano de produção ou inauguração.

GRUPO DAS BANANAS

FOTOGRAFIAS

Do monumento “lobo do mar”

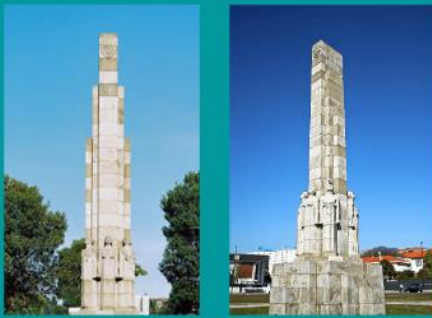


O Lobito do Mar !



“Salva Vidas”

Monumento ao Esforço Colonizador Português



Trabalho realizado por Hackers.

A Praça do império tem um monumento muito alto que está no meio da praça.

Executado e projetado por Sousa Caldas e Alferes Alberto Ponce de Castro, em 1934, foi construído expressamente para a Exposição Colonial, inaugurada em Junho de 1934 no Palácio de Cristal.

O monumento, que é património da cidade há 84 anos, apareceu pintado a vermelho e preto, com insultos aos personagens que representam profissões como o missionário, o comerciante, o agricultor, o militar e o médico, homenageando ainda a mulher e as armas nacionais.

À data, o monumento foi erguido como elogio ao esforço colonizador.

Porto de memória Homem do Leme.



As quatro mosqueteiras

Mas, porque fizeram uma estátua dele?

O Homem do Leme agora é uma estátua para significar a obra, presta à homenagem dos pescadores representados.
Leva a homenagear todos os homens que vivem do difícil trabalho no mar, muitas vezes colocando a vida em perigo.
Até já houve notícias sobre a estátua.

O que é que as pessoas tinham a dizer sobre a estátua?

As pessoas gostaram da ideia de ficar com a estátua para sempre.
Até um dia fizeram uma música em homenagem à estátua. Essa música chama-se Homem do Leme (dos Xutos e Pontapés)

Quem construiu esta estátua e que sucesso teve?

Na verdade, esta estátua foi encomendada por Henrique Galvão e América Gomes, para a exposição Colonial Portuguesa 16 de Junho a 30 de Setembro que se realizou no Palácio de Cristal.

Mas devido ao grande sucesso que a obra teve, constituiu-se uma comissão que decidiu a sua fundição em bronze e implantação no passeio Marítimo.
A estátua foi inaugurada a 27 de Janeiro de 1938.

O Homem do Leme (Xutos & Pontapés)



Praça de Liége

Isolada e muito sossegada, a Praça de Liége encontra-se a poucos metros da Tavi.

Este é um local que passa despercebido a muitos dos transeuntes, mas que é muito apreciado pelos residentes da Foz do Douro, pois é aqui que se encontra um dos jardins mais emblemáticos desta freguesia.

O que torna a praça de Liége tão especial é o facto de estar carregado de simbolismo histórico. O seu nome é uma homenagem aos habitantes da cidade belga de Liége, que se bateram heroicamente contra os alemães aquando da invasão destes na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A Bélgica tinha-se declarado como um país neutro durante a guerra, o que fez com que este inesperado ataque tenha gerado uma onda de repulsa contra a Alemanha um pouco por todas as localidades portuguesas.



Algarve Futebol Clube

Figura 8 – Páginas interiores do álbum digital *Porto de Memória* construído pelos alunos.

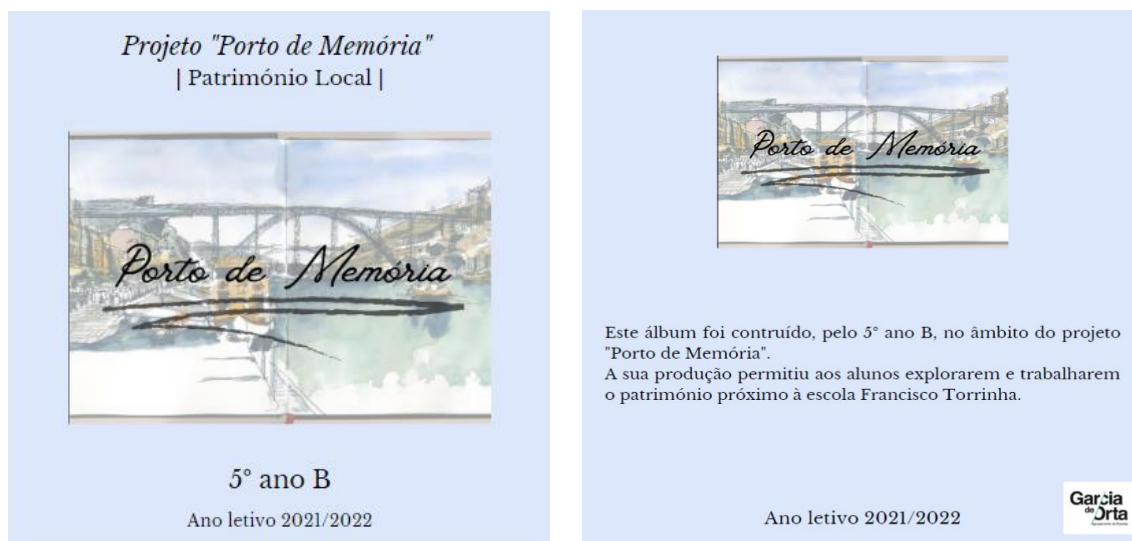


Figura 9 – Capa e contracapa do álbum digital *Porto de Memória* construídas pelos alunos.

No final desta sessão, estando o produto final a ser ultimado, os alunos mostraram interesse em fazer o percurso dos elementos do Património Cultural Local que selecionaram e trabalharam. Procurando corresponder a esse interesse, planificamos uma visita de estudo a realizar numa tarde na semana seguinte (6ª sessão) e que não estava prevista na planificação inicial do projeto, mas que nos pareceu pertinente tendo em conta as características do mesmo.

As visitas de estudo apresentam-se como

Deslocações efetuadas com os alunos ao exterior do recinto escolar, com objetivos educacionais claros, que visam enriquecer, vitalizar e complementar aspetos curriculares através da experiência direta, e que tanto podem ocorrer em locais próximos ou distantes da escola, com durações igualmente variáveis (Almeida & Vasconcelos citado por Rato, 2016).

Podem ser consideradas como atividades, pela sua vivência, e como estratégia, enquanto potencializadora de aprendizagem, tendo como principais vantagens a apresentação de uma maior motivação por parte dos alunos; o desenvolvimento de várias técnicas de trabalho; a apresentação de um contacto mais concreto e real com o mundo; a promoção de uma maior aquisição, consolidação e compreensão dos conhecimentos; o

desenvolvimento de valores e competências pessoais e sociais, bem como de capacidades como a orientação espacial e o poder de argumentação.

Na área da História e Geografia, as visitas de estudo mostram-se importantes na exploração e estudo do meio e permitem a interpretação de fenómenos geográficos; leitura histórica dos espaços; desenvolvimento das noções de espaço e de tempo; uma educação/formação cívica de valorização e preservação do património cultural, bem como o aperfeiçoamento de técnicas de trabalho, pesquisa e observação.

Assim, é importante realçar que o meio permite uma maior compreensão da sociedade em que o aluno se encontra.

Cooper (2004) apresenta as visitas de estudo como estratégia significativa de aprendizagem, dado que trabalham o pensamento histórico, através do contacto direto com fontes patrimoniais, sentindo-se envolvidos e centrados na atividade.

Nakou (2003) e Solé (2009, 2012) afirmam que os museus interferem positivamente na aprendizagem, dado que a sua componente pedagógica assegura o relacionamento entre o pensamento já adquirido com noções prévias criadas no momento da visita, bem como o ambiente proporcionado por estes.

Tabela 6 – Planificação da visita de estudo

Dia/hora	Objetivos	Atividade	Intervenientes
1 jun. 14:30- 17:30	Desenvolver a sensibilidade estética; - Valorizar o património histórico;	- Percurso a pé, para visitar cada um dos elementos do Património Local selecionado pelos grupos de trabalho; - Junto de cada um desses elementos, o respetivo grupo fará uma apresentação da informação recolhida	Professora estagiária Professor de TIC Alunos da turma do 5ºB

A visita de estudo acabou por não ser realizada devido às condições climáticas adversas. Não foi possível o seu reagendamento para uma data posterior devido ao facto de o ano

letivo estar a terminar e os alunos se encontraram muito sobrecarregados de atividades. Contudo, este não foi o único constrangimento na implementação do projeto *Porto de Memória*.

Das sete sessões de trabalho propostas, apenas foi possível cumprir cinco sessões devido à ausência, justificada, do professor de TIC e, no âmbito da situação pandémica, pelo isolamento por Covid que tivemos de fazer. Esta situação obrigou a que a avaliação do projeto viesse a ser feita no tempo disponibilizado por um dos professores da turma na sua aula. É de sublinhar, contudo, que, apesar destes constrangimentos, os alunos, embora desiludidos pela não realização da visita de estudo, trabalharam cooperativamente e mostraram-se sempre muito motivados para saber mais sobre o meio que os rodeia, tendo concluído o álbum digital.

1.3. Os resultados

Durante a implementação do projeto a turma envolveu-se com grande entusiasmo na atividade proposta, mostrando autonomia e liberdade na execução das tarefas.

Na primeira fase do projeto foi interessante verificar que os cinco grupos tinham distintas formas de organização e trabalho. Enquanto alguns grupos – essencialmente constituídos por raparigas – trabalhavam de uma forma bastante metódica e organizada, havia grupos, compostos na sua maioria por rapazes, que trabalhavam de uma forma mais livre, sem que delineassem previamente um fio condutor que os levasse à concretização da tarefa.

Ao contrário das expectativas criadas em nós, o “Grupo dos Monumentos” não conseguiu atingir a qualidade de trabalho que inicialmente demonstraram pretender, revelando maior dificuldade ao nível da recolha, seleção e síntese de informação.

Alguns dos alunos participantes, muito motivados e implicados na aprendizagem, envolveram a família na produção do trabalho, tendo aproveitado os fins de semana, para se deslocarem até ao elemento do Património Cultural Local escolhido, procurando no local mais informações ou o registo fotográfico feito por eles próprios em vez de recorrerem aos que encontravam na internet: “Este fim de semana fui até à estátua do salva-vidas. Tirei algumas fotografias com o telemóvel do meu pai. Ele tem de me enviar as fotos para colocar no trabalho, pode ser?” “Li na estátua coisas que já temos no trabalho!” (Apêndice – Narrativa 3)

Os alunos mostraram-se satisfeitos com a participação no projeto, sublinhando que isso lhes permitiu trabalhar em bases diferentes das habituais – “ Fizemos coisas novas e diferentes”. O trabalho cooperativo foi visto como uma vantagem – “Trabalhamos juntos” –, reconhecendo ter apreendido novos conhecimentos - “Aprendemos coisas novas”.

O desenvolvimento da capacidade de observação do meio envolvente foi referida pelos alunos como algo positivo. Na conversa informal tida na última sessão o aluno R, referiu que: “temos que prestar atenção ao que está à nossa volta”.

Relativamente a aspetos menos positivos, os alunos destacaram o facto de não terem efetuado a visita de estudo e o facto de o projeto só ser aplicado durante uma parte da aula semanal de TIC – 45 minutos –, e não a totalidade dos 90 minutos – “Não ocupamos as duas horas”.

Na avaliação ao projeto *Porto de Memória* participaram 19 alunos (um aluno faltou à última sessão do projeto).

Analisando a avaliação feita pelos alunos à sua participação no projeto, através do inquérito por questionário, verificamos que os alunos avaliaram o seu trabalho individual, em média, com 3,075 estrelas e o do seu grupo com 3,3 estrelas (escala de 1 a 5 estrelas, sendo 1 participei pouco e 5 participei muito). A maioria dos alunos situou o seu trabalho nas 3 estrelas ou mais (14), oito deles com 4, 4,5 e 5 estrelas. Dos cinco alunos que atribuíram menor classificação ao trabalho que desenvolveram, 3 alunos classificaram a sua participação com 1 estrelas; 1 com 1,5 estrelas; 1 com 2,5 estrelas (Gráfico 1). Relativamente ao trabalho desenvolvido pelo grupo, as classificações inferiores a 3 estrelas foram atribuídas por um número menor de alunos – 3 (2 alunos com 0,5 estrelas; 1 com 1 estrela). Os restantes alunos (16) atribuíram 3 ou mais estrelas, 12 deles com 4, 4,5 e 5 estrelas (Gráfico 2). Esta avaliação revela a forma como os alunos consideraram a sua participação no trabalho desenvolvido. A maioria deles, considerou como positivo o empenho na concretização de todas as tarefas propostas, a relação entre os vários elementos do grupo, o saber trabalhar em grupo, cooperando de forma responsável e correta, correspondendo à observação que fomos fazendo da sua participação ao longo das sessões.

O aluno T apresentou uma justificação para a sua avaliação menos positiva, afirmando em resposta à questão “Como avalio o meu trabalho individual” – “Eu escolhi três estrelas porque todo o grupo fez um trabalho ótimo, mas eu não tanto”. Por sua vez, em resposta à questão “Como avalio o trabalho de grupo” escreveu “Trabalhamos bem”.

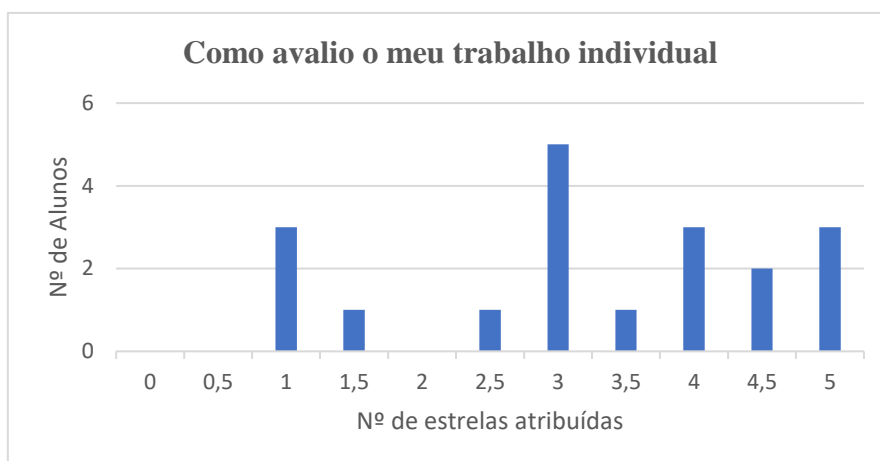


Gráfico 1 – Avaliação dos alunos do trabalho individual no projeto *Porto de Memória*.

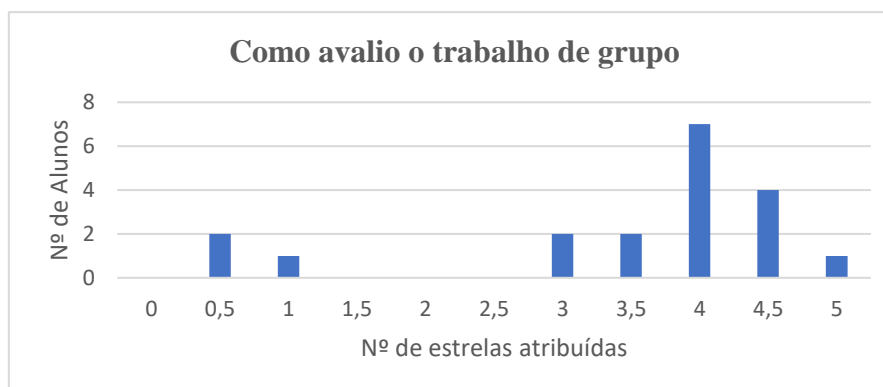


Gráfico 2 – Avaliação dos alunos do trabalho de grupo no projeto *Porto de Memória*.

Na resposta à pergunta “Como avalio o projeto *Porto de Memória*”, a classificação dos alunos atingiu a média de 3,9 estrelas, tendo apenas 1 aluno atribuído uma classificação inferior a 3 (1 estrela). Todos os outros (19) classificaram com 3 ou mais estrelas; 15 deles com 4, 4,5 ou 5 estrelas (Gráfico 3), tendo alguns deles comentado por escrito que não o avaliavam com a pontuação máxima pelo facto de não terem realizado a visita de estudo. O aluno T escreveu neste tópico “É giro, interessante e importante, para nós crianças percebermos qual a razão, ou o porquê de isto estar aqui”.

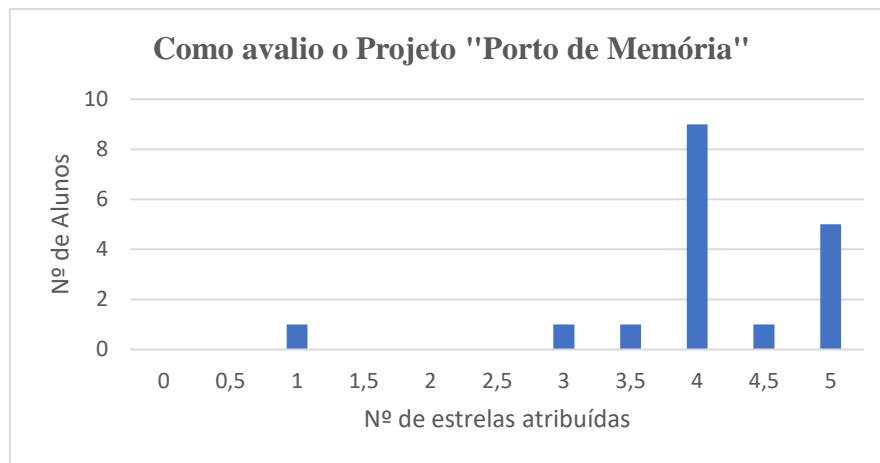


Gráfico 3 – Avaliação dos alunos do projeto *Porto de Memória*.

Sobre o que mais gostaram, os alunos afirmaram ter sido a pesquisa de informação (5 alunos) e a recolha de imagens (3 alunos), o facto de terem trabalhado em grupo (6 alunos), destacando tês deles que se divertiram durante o trabalho que desenvolveram com os colegas. O recurso ao computador e à internet foi também assinalado, expressamente, como o que mais gostaram de fazer por 4 alunos.

Sobre o que menos gostaram, os alunos referiram a produção escrita a que o trabalho obrigou (3 alunos), o facto de não terem realizado a visita de estudo (6 alunos) e, ainda, o facto de se terem sentido sós na elaboração do trabalho (2 alunos) ou pouco agradados com a organização do grupo na organização das tarefas (3 alunos) – “ De perguntar o que é que eu faço, enquanto uns diziam ajuda e outros diziam não faças mais nada.”; “Não gostei assim tanto de observar enquanto a minha colega escrevia” “De ser a pessoa que escreve o texto, deu muito trabalho”. É de registar, ainda, que alguns dos aspetos salientados como positivos por alguns alunos, são indicados por outros como negativos. Foi o caso da pesquisa de informação, que 1 aluno indica como não tendo gostado de fazer, o mesmo acontecendo com a utilização das novas tecnologias – um aluno referiu que “Não gostei muito de passar o trabalho do *PowerPoint* para aquela aplicação.” Um aluno refere como aspeto negativo a História – “porque era muito difícil”, enquanto um outro assinala que gostou “igualmente de tudo”.

Tabela 7 – Avaliação dos alunos – “O que mais gostei”, “O que menos gostei”

Grupos de Trabalho		O que mais gostei	O que menos gostei
Grupo A	Aluno 1	“eu gostei de eles me fazerem sempre rir mesmo quando não queria”	“de não ter feito a visita de estudo.”
	Aluno 2	“De pesquisar e ir ao <i>Google Maps</i> .”	“De perguntar o que é que eu faço, enquanto uns diziam ajuda e outros diziam não faças mais nada.”
	Aluno 3	“Pesquisar imagens”	“Ser o único a organizar as coisas.”
	Aluno 4	“Pesquisar as fotos porque assim conhecia um pouco.”	“A história, porque era muito difícil”
Grupo B	Aluno 1	“eu gostei de ser um trabalho de grupo”	“eu não gostei de não fazer a visita de estudo”
	Aluno 2	“De procurar as coisas para o trabalho”	“De organizar o trabalho”
	Aluno 3	“trabalho em grupo”	“escrever, procurar”
	Aluno 4	“O trabalho (procurar no <i>Google</i>)”	“escrever”
Grupo C	Aluno 1	“Gostei de recolher imagens”	“Não gostei assim tanto de observar enquanto a minha colega escrevia”
	Aluno 2	“O trabalho com as minhas amigas”	“De não fazer a visita de estudo”
	Aluno 3	“Gostei de montar o projeto”	“O que menos gostei de fazer foi a pesquisa”
	Aluno 4	“Diverti-me muito! De estar com as minhas amigas”	“De não fazermos a visita de estudo”
Grupo D	Aluno 1	“De trabalhar em grupo”	“De ser a pessoa que escreve o texto, deu muito trabalho”
	Aluno 2	“De descobrir informação, porque era muito difícil encontrar informação”	“Ouvir os milhões de problemas do grupo”
	Aluno 3	“Gostei de saber curiosidades sobre o Homem do Leme”	“Não gostei muito de passar o trabalho do <i>PowerPoint</i> para aquela aplicação.”
	Aluno 4	“Por os efeitos no trabalho”	“Não fazer a visita”
Grupo Algarve Futebol	Aluno 1	“Foi de estar no computador”	“Eu gostei igualmente de tudo”
	Aluno 2	“Estar com os meus amigos e divertirmo-nos”	“Fazer o trabalho praticamente sozinho”
	Aluno 3	“Ver as fotos da Praça”	“De não fazer a visita”
	Aluno 4	Faltou	Faltou

Relativamente aos objetivos de aprendizagem, de uma forma genérica três grupos de trabalho alcançaram grande parte dos objetivos definidos de forma muito satisfatória, registando-se dois grupos que o fizeram para todos os objetivos (Tabela 9).

Tabela 8 – Avaliação das aprendizagens dos alunos por grupo

Avaliação das aprendizagens – projeto <i>Porto de Memória</i>					
	Grupo dos Monumentos	Grupo Os Hackers	Grupo das Bananas	Grupo As 4 Mosqueteiras	Grupo Algarve Futebol Clube
Português					
Utiliza procedimentos de registo e tratamento de informação	2	1	3	3	2

Planifica a escrita	3	2	3	3	2
Escreve textos organizados	2	3	3	3	3
Aperfeiçoa o texto depois de redigido	3	3	3	3	3
HGP					
Desenvolve a sensibilidade estética	3	3	3	3	3
Recolhe e seleciona dados de fontes históricas fidedignas	2	2	3	3	2
Pesquisa de forma autónoma Valoriza o património histórico	3	3	3	3	3
TIC					
Utiliza o computador como ferramenta de apoio à pesquisa	3	3	3	3	3
Conhece as potencialidades dos meios digitais	3	3	3	3	3
Legenda:					
1 – Pouco satisfatório					
2 – Razoável					
3 – Muito satisfatório					

A avaliação dos alunos do seu trabalho e do projeto revelou-se, assim, muito positiva, acompanhando o interesse, a motivação e o empenhamento na execução das tarefas que observamos ao longo da implementação do projeto.

Considerações finais

O Património Cultural assume um papel importante no estabelecimento de relação entre o cidadão comum e a sua própria identidade. O meio em que vivemos espelha a realidade que nos caracteriza enquanto seres sociáveis.

O ensino da História permite o envolvimento de práticas que viabilizam o gosto pela descoberta e a compreensão da sociedade.

Contudo, vista como uma disciplina desinteressante por muitos alunos, o ensino da disciplina de História e Geografia de Portugal deve ser feita com recurso a metodologias e estratégias que a tornem mais atraente e motivadora.

A Educação História e Patrimonial permite ao aluno aproximar-se das suas raízes, conhecer o meio que o envolve e, desta forma, conhecer-se melhor a si e à sociedade da qual faz parte, preparando-se para uma cidadania ativa. Esta aproximação deve ser promovida tanto pela família como pela escola, que assume o compromisso de formar cidadãos conscientes, responsáveis e ativos. Para que isto aconteça é fundamental que a escola e os docentes quebrem barreiras institucionais e levem os alunos a saber e conhecer mais sobre o mundo real. Observar, questionar, refletir e discutir ideias torna os alunos mais atentos e capazes de tomar decisões, de forma deliberada, sem comprometer o bem-estar comum.

O projeto *Porto de Memória*, centrado no conhecimento da História e do Património Local, foi capaz de motivar os alunos para a aquisição de novos conhecimentos e de os sensibilizar para a sua valorização e preservação enquanto memória e legado a passar às gerações vindouras. A capacidade de observação, o pensamento crítico, a autonomia e o trabalho colaborativo foram competências desenvolvidas ao longo da implementação do projeto.

Os resultados obtidos com o projeto implementado, demonstraram que o Trabalho por Projeto é uma metodologia motivadora para os alunos do 2º CEB, dando-lhes a possibilidade de, a partir de um problema, participar de forma ativa no processo de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

Almeida, E. & Solé, G. (2014). *O património histórico como estratégia pedagógica para a construção do conhecimento histórico*. Universidade do Minho.

Alves, L. (2006). A história local como estratégia para o ensino da História. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques* (vol. 3, pp. 65-72). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2015). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

Direção Geral da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais | Português – 5º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico*.

Direção Geral da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais | História e Geografia de Portugal – 5º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico*.

Direção Geral da Educação (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (PASEO).

Ferreira, A., Demutti, C. M. & Gimenez, P. E. O. (2010). A teoria das necessidades de Maslow: a influência do nível educacional sobre a sua percepção no ambiente de trabalho. *Anais do Seminários de Administração*, 1-17. <http://sistema.semead.com.br/13semead/resultado/trabalhosPDF/703.pdf>

Fonseca, K. H. O. (2012). Investigação-ação: uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*, 1 (1), 16-31. <https://revistaonisciencia.com/wp-content/uploads/2020/02/2ED02-ARTIGO-KARLA.pdf>

Lopes, M. (2018). A Sociedade Digital: A Redefinição da Escola, do Papel do Professor e do Aluno. *Saber & Educar*, 25, 13-9. <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/320/375>

Manique, A. & Proença, M. (1994) *Didática da História – Património e História local*. Texto Editora.

Mateus, M. N. (2011). Metodologia de trabalho de projecto: Nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. *EduSer*, 3 (2), 3-16. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6582/1/76-276-1-PB.pdf>

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer*, 2(2), 49-65
<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24/27>

Morán, J. (2015). Mudando a educação com metodologias ativas. In C. A. de Souza & O. E. T. Morales (Orgs), *Mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens* (2, pp. 15-33). UEPG/PROEX
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 10.

Rangel, M., & Gonçalves, C. (2011). A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica. *Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional*, 1(3), 21-43.

Rossi, C. (2017). Educação Patrimonial e História da Educação: contribuições para a formação de professores. *Horizontes*, 35 (1), 113-120.

Saballa, V. A. (2007). Educação Patrimonial “lugares de memória”. *Revista Mouseion*, 1, 23-25.

Severino, J. (2002). Educação e universidade: conhecimento e construção da cidadania. *Interface*, 6 (10), 117-124.

Solé, M. G. P. S. (2017). Educação histórica e educação patrimonial: desafios da investigação em Portugal. In P. Miralles, C. J. Gómez & R. Rodríguez (Eds), *La enseñanza de la historia en el Siglo XXI: Desarrollo y evaluación de competencias históricas para una ciudadanía democrática* (pp. 145-166). Universidade de Múrcia.
<http://libros.um.es/editum/catalog/book/1781>

Trindade, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem – Novas Práticas Pedagógicas*. Edições ASA.

Apêndice

Narrativa 1

Após o intervalo, os alunos entraram na sala de TIC e questionaram a minha presença. Pedi que se sentassem nos seus lugares para que pudesse esclarecer a minha presença na aula de TIC. Comecei por dizer que tinha uma proposta importante para lhes fazer e que a participação da turma seria muito importante. Aí as suas atenções focaram-se inteiramente em mim.

Li o convite da Câmara Municipal do Porto, frisando o nome da instituição que o tinha feito. Após a leitura perguntei se tinham entendido o objetivo da proposta. As respostas foram bastante esclarecedoras, mostrando que a mensagem tinha chegado, corretamente, a todos os participantes.

Depois, questionei os alunos sobre a localização da escola e a freguesia a que pertencia e que era referida no convite. Reponderam sem hesitação.

Mostrei uma imagem de uma das praças próxima à escola, questionando os alunos se reconheciam a estátua. Rapidamente, identificaram a imagem, localizando-a geograficamente. Depois questionei-os sobre o que sabiam sobre a estátua lá existente, mas não tinham informações nenhuma e, assim, lancei-lhes o desafio de descobrirem mais sobre esta mesma estátua.

Seguidamente, passei à entrega dos “Guiões de Trabalho”. Questionei a turma sobre o significado de “Património Cultural” que foi identificado por um dos alunos como “coisas que nos são deixadas pelos mais antigos”.

Seguidamente, apresentei-lhes o conceito definido pela *Infopédia* (dicionário online da Porto Editora), explicitando-o.

Após este diálogo, projetei algumas imagens do Património Cultural da cidade do Porto, pedindo-lhes que identificassem o que conheciam, o que fizeram de forma muito animada.

Depois disso, pedi que se organizassem em grupos de quatro elementos e que preenchessem o espaço dedicado à formação dos grupos, no “Guião de Trabalho”. No final, ficaram constituídos cinco grupos de trabalho.

Terminei a sessão perguntando aos alunos se tinham alguma dúvida relativamente ao objetivo do trabalho, tendo surgido algumas relativamente à localização do Património Cultural a trabalhar. Reforcei a ideia de que se tinham de cingir à onde se localizava a escola, tendo ficado esclarecida esta questão. Por fim, perguntei se estavam motivados para a participação no Projeto, todos responderam que sim (“Sim, professora. Vai ser interessante”) à exceção de um aluno que respondeu, imediatamente “Não...”. Quando lhe pedi que justificasse a resposta dada disse “Vai dar muito trabalho”. Ao ouvir isto os colegas contrariaram esta ideia. A sessão terminou e os alunos saíram para o intervalo.

Narrativa 2

Após o intervalo, os alunos entraram na sala. Pedi que se organizassem por grupos para dar continuidade ao trabalho iniciado na sessão anterior, no âmbito do projeto *Porto de Memória*.

Questionei a turma sobre as escolhas que tencionavam fazer do Património Local a trabalhar. Apenas um grupo - “Grupo das Bananas” – ainda não tinha chegado a um consenso, mas rapidamente efetuaram a sua escolha. Recuperando o desafio lançado, na sessão anterior, um dos grupos deu a conhecer o seu interesse em trabalhar a Praça do Império.

Seguidamente, apresentei à turma o site *Porto de Memória* concebido para este projeto com o propósito de auxiliar e facilitar as suas pesquisas. Após a apresentação partilhei com cada aluno o link de acesso ao site. Os alunos mostraram-se curiosos.

Informei os alunos que iria passar por cada grupo, de forma a anotar as escolhas feitas e dar algumas indicações. Enquanto isto, os alunos, muito motivados, avançaram com as pesquisas, utilizando para isso o computador e a internet.

O primeiro grupo – “Grupo dos Monumentos” – optou por trabalhar a Igreja de Cristo Rei. O segundo grupo – “As 4 Mosqueteiras” – decidiu debruçar as suas pesquisas sobre a estátua do Homem do Leme. O terceiro grupo – “Grupo das Bananas” – escolheu a estátua do Salva Vidas para apresentar no projeto final. O quarto grupo – “Algarve F.C.” – escolheu a Praça Liége como base de trabalho. O grupo cinco – “Os Hackers” – optou por trabalhar a Praça do Império.

Durante a passagem pelos grupos senti que todos estão empenhados na pesquisa e construção dos trabalhos. Conseguiram efetuar pesquisas pertinentes tendo selecionado informação específica e importante na identificação a apresentação do património escolhido.

No final da aula, pedi aos alunos para guardarem os seus trabalhos – em formato Word e PowerPoint – no ambiente de trabalho para que, com a autorização de cada um dos alunos, os pudesse gravar na minha *pen*. O final da sessão foi marcado pela saída dos alunos para o intervalo.

Narrativa 3

Após o intervalo, os alunos entraram na sala. Organizados por grupos deram continuidade aos trabalhos de grupo. Ligaram os computadores, e continuaram as pesquisas relativas ao património por eles selecionado.

Foi notória, nesta sessão, o interesse e empenho dos alunos na execução dos trabalhos para mostrar aos “turistas”, da melhor forma, o património da freguesia.

Uma das alunas veio ao meu encontro dizer que:

- “Este fim de semana fui até à estátua do salva-vidas. Tirei algumas fotografias com o telemóvel do meu pai. Ele tem de me enviar as fotos para colocar no trabalho, pode ser?”

- “Claro que sim!! Conseguiste descobrir mais alguma informação sobre a estátua, com o teu passeio?”

- “Não.... Mas li na estátua coisas que já temos no trabalho!”

Ainda nesta sessão, o “Grupo dos Monumentos”, afirmou estar a gostar de participar neste projeto. (“Estamos a gostar muito de fazer estas pesquisas! Vamos fazer mais trabalhos destes?”)

Partilhei com os alunos a ideia de fazermos uma saída de campo para podermos explorar o património, por eles escolhido. Toda a turma se mostrou bastante interessada, pelo que questionaram:

- “Mas professora... vamos visitar todo o património escolhido? Por cada grupo? Que fixe!!!”

Narrativa 4

Após o intervalo os alunos entraram na sala de aula. Mostraram-se preocupados com o facto de estarem a faltar alguns alunos. Acalmei-os, dizendo: “Sem problema, turma! Os trabalhos estão quase finalizados, as pesquisas estão feitas, por isso, vamos terminar a construção das páginas do nosso álbum!”.

Os alunos ligaram os computadores e autonomamente continuaram a construção dos seus trabalhos.

Fui sendo chamada, aos lugares, para dar *feedback* dos trabalhos construídos e para solucionar alguns problemas técnicos.

Assim que cada grupo terminava a construção das suas páginas do álbum digital pediam-lhes que, na primeira página, o identificassem pelo nome escolhido, frisando que não haveria necessidade de colocarem o nome dos elementos que o constituíam. Ouvindo esta indicação, um dos elementos do grupo “das Bananas” disse: “Ah pois!! Não vamos colocar os nossos nomes porque isto depois vai lá para os turistas”.

Durante toda a sessão os alunos mostraram-se ansiosos pela realização da programada visita de estudo. No final, confirmei que a visita ocorreria no dia 25 de maio e que no decorrer da semana seguinte seriam entregues as autorizações para os encarregados de educação.

A sessão terminou com a saída dos alunos para o intervalo.

Narrativa 5

Entrei na sala, ainda antes da chegada dos alunos. Quando chegaram perguntaram-me quando iríamos fazer a visita de estudo, uma vez que no dia inicialmente previsto o mau tempo impediu a sua realização. Disse-lhes que, infelizmente, por estar a terminar o ano letivo e não haver tempo para isso, não iria ser possível. Ficaram desiludidos

Disse-lhes que gostaria de saber as suas opiniões acerca do projeto, pedindo-lhes que referissem os aspetos mais positivos e os menos positivos. Começaram por mencionar os aspetos positivos, dos quais destacaram: “Fizemos coisas novas e diferentes”; “Trabalhamos juntos”; “Aprendemos coisas novas”; “Aprendi que temos que prestar atenção ao que está à nossa volta”. Relativamente a aspetos menos positivos surgiram:

“Ter feito o trabalho sozinho”; “No início o nosso grupo não estava a entender nada”; “Não fizemos a visita de estudo”; “Não ocupamos as duas horas”.

Após a esta partilha de ideias, pedi aos alunos que preenchessem a última parte dos seus Guiões de Trabalho, explicando que teriam de avaliar de 1 a 5 estrelas o “trabalho individual”; o “trabalho do grupo”; e, no final, todo o projeto *Porto de Memória*. Após esta avaliação identificaram aquilo que mais gostaram de fazer, bem como o que menos gostaram de fazer.

No final, partilhei com os alunos a minha visão sobre o seu desempenho ao nível individual e de grupo e os alunos partilharam a vontade que sentiam em realizar mais trabalhos de grupo, dizendo: “Professora, podemos fazer mais trabalhos como este?”; “Para o ano, no 6º ano, vai fazer outro projeto destes?”. Evidenciaram mais uma vez a sua desilusão por não ter sido possível realizar a visita de estudo.